

---

# ***Eclipse do Grupo Galpão***

*Martha Ribeiro\**

---

Antes de iniciarmos nosso sobrevoo na teatralidade apresentada em *Eclipse*, novo espetáculo do Grupo Galpão<sup>1</sup>, que estreou no Rio de Janeiro em 20 de abril de 2012, no Teatro SESC Ginástico, faremos uma breve consideração sobre a utilidade da crítica hoje, do ponto de vista da teoria teatral, nos perguntado até que ponto, e de que forma, a crítica pode se apresentar pertinente em relação aos espetáculos teatrais desta última década.

Neste ponto convocamos Patrice Pavis que no livro *A encenação contemporânea: origem, tendências e perspectivas* (2010) levanta a seguinte hipótese: a mudança de paradigma na prática da encenação torna anacrônica a concepção da cena como um sistema semiótico. O teatro volta seu olhar não para a obra, o resultado, mas para o processo e o efeito produzido. Desta feita, a encenação contemporânea convoca a crítica a pensar o espetáculo teatral não em relação à sua materialidade, mas a partir da experiência estética, na qual estamos todos inseridos. Em substituição à velha fórmula de comparar o texto literário à sua execução na cena ou, o que ainda era pior, de valorizar o espetáculo em função da maior ou menor fidelidade do encenador às intenções do autor, debruça-se sobre os aspectos performativos do espetáculo, em detrimento de seus aspectos literários. Isto é, o objeto da nova crítica passa a ser sua perplexidade diante de um corpo que age num espaço/tempo determinados. Sua nova tarefa, de extrema dificuldade, será penetrar na lógica interna de cada espetáculo, buscando compreender como este se insere em nosso mundo.

Olhando para trás, em nossa recente história, verifica-se que as propostas do drama burguês, do romantismo e do naturalismo foram as últimas que conceberam um projeto sólido,

---

\* Martha Ribeiro é Professora Adjunta do Instituto de Artes e Comunicação Social, Departamento de Arte, da Universidade Federal Fluminense e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes /UFF. Doutora em Teoria e História Literária – UNICAMP/UNITO com Pós-Doutorado em Teatro – UNICAMP/IAR. É autora do livro *Luigi Pirandello: um teatro para Marta Abba*, Coleção Estudos, Ed. Perspectiva, 2010.

reconhecível e unitário em relação à dramaturgia, ao espetáculo, à cenográfica, à interpretação, onde, de fato, uma época inteira podia se reconhecer. Não fomos capazes de produzir um modelo de espaço teatral, como realizado pelo teatro grego ou elisabetano, e nem mesmo uma tipologia teatral, como fez o naturalismo. Não fomos capazes de criar um modelo, mas acabamos produzindo uma infinidade de ideias de teatro. Em contrapartida, nossos recursos críticos em relação ao teatro, ao espetacular, vão se tornando rapidamente obsoletos, pois cada nova ideia de teatro exige um novo olhar crítico para aquela realidade cênica. Ou seja, cada nova experiência, nova ideia constrói para si sua própria realidade crítica, que sem dúvida nenhuma irá refutar aquele já “velho” modelo de análise, pois este já não dá conta dessa nova experiência.

Nossos questionamentos em relação ao modo da crítica dramática operar sua escrita, hoje, depois de tantas experiências teatrais no campo da teatralidade e da performance, nos convoca a pensar seu espaço como um lugar de diálogo com a encenação, na abertura de um espaço de reflexão estética, pois, tanto quanto a obra analisada, a crítica também emite um ponto de vista sobre o pensamento e o fazer artísticos; ela também é uma criação, que pode por sua vez também ser criticada, o que de forma alguma a torna dispensável, pois não se trata de um elemento estranho ao meio artístico: a crítica também é um fazer da arte. O que se verifica, a partir dessa reflexão, é o incentivo à crítica enquanto diálogo permanente entre pensamentos e ideias sobre a arte, e, neste caso específico, sobre o teatro contemporâneo, onde é útil se evitar a ideologia, isto é, ideias preconcebidas. A partir dessa pequena introdução, convocamos o leitor a mergulhar na criação de Eclipse.

O espetáculo Eclipse surgiu do encontro do Grupo Galpão com o diretor e professor russo, residente em Berlim, Jurij Alschitz, que, em 2006, veio ao Galpão Cine Horto para ministrar uma oficina e dar palestra. Empolgados com sua visão de teatro e seu trabalho de treinamento de atores desenvolvido no Akt-zent International Theater Centre, os componentes do Grupo convidam o diretor para dirigi-los. Desde o início do processo, Jurij Alschitz apostou no risco de buscar um teatro que Tchékhev estaria fazendo, caso ainda fosse vivo. Para a construção do espetáculo, os atores do Galpão se envolveram com a leitura de peças e contos de Anton Tchékhev. Buscavam na obra do grande autor russo referências e reflexões filosóficas sobre temas universais que continuam a atravessar o homem de hoje. O diretor criou uma estrutura

dramatúrgica centrada na ocorrência de um eclipse. O fenômeno surge como uma metáfora para os atores trazerem ao palco as palavras do autor. A linguagem estética que permeia os elementos da encenação, como o cenário, o figurino, a luz e a sonoplastia, é inspirada na vanguarda russa do início do século XX, o suprematismo. Criada por volta de 1913 por Kazimir Malevich, a corrente vai defender uma arte livre de finalidades práticas e comprometida com a pura visualidade plástica. Trata-se de romper com a ideia de imitação da natureza, com as formas ilusionistas, com a luz e a cor naturalistas, com referências ao mundo objetivo.

O parágrafo acima corresponde a trechos extraídos do release do projeto Eclipse, enviado a nós pela produção do espetáculo especialmente para a edição deste número da Revista Poiésis, publicação do Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes, da Universidade Federal Fluminense.

Destacamos essencialmente no parágrafo a parte que trata da linguagem proposta pela encenação, visto que, se o espetáculo contemporâneo, objeto da crítica, não é nem estável nem “catalogável”, e mostra-se arredio a tentativas de dividi-lo em partes isoladas, o que nos resta é a experiência estética na qual estamos mergulhados, que nunca será totalizante, e sempre relativizável. E é deste lugar que nos propomos ora a pensar a encenação de Eclipse: não mais pela via de comparação entre o texto e a cena, mas pelo entendimento do espetáculo como um corpo em movimento, dentro de um espaço-tempo determinado, reafirmando assim a importância da encenação e da crítica para a mediação entre palco e plateia.

Com quase 30 anos de existência, o Grupo Galpão apresentou na cidade do Rio de Janeiro seu mais novo espetáculo-pesquisa, Eclipse. A partir de contos do dramaturgo russo, o grupo completa seu mergulho dentro do universo tchékhoviano. Tivemos a oportunidade de assistir ao espetáculo em sua pré-estreia no teatro Sesc Ginástico, em 19 de abril de 2012, e nos surpreendemos com a hermética plasticidade com que a encenação constrói a situação de um eclipse solar que obriga cinco personagens, vivenciados pelos atores Chico Pelúcio, Inês Peixoto, Julio Maciel, Lydia Del Picchia e Simone Ordones, a permanecerem trancados num espaço não determinado, por uma noite inteira. A surpresa a que nos referimos se dá em função da memória estética que trazemos do grupo, e que remonta aos anos noventa, à montagem do espetáculo Romeu e Julieta, dirigido por Gabriel Villela; espetáculo que une o

barroco mineiro à estética clown, e que levou o grupo esse ano a Londres para participar do festival de Shakespeare no Globe Theatre. Surpresa que nada tem de negativo: ao contrário, nos proporcionou uma experiência muito particular no campo estético.

Por ser um espetáculo que, no processo de pesquisa (conforme apontado no release), não pretendeu representar ou significar nada além dele mesmo, podemos identificar em sua lógica interna a tentativa de escapar ao que Derrida nomeou como “destino trágico da representação”. Cinco personagens narram, sem causalidade, aspectos da vida enquanto esperam um eclipse solar. O uso de elementos plásticos, formais, não referenciais, não psicológicos, busca uma pureza antirrepresentativa observada na utilização de três cores básicas nos figurinos - o preto, o branco e o vermelho -, na construção de um cenário abstrato, bidimensional, onde se pintou o nome do autor em vermelho, no uso do vídeo como elemento didascálico, acentuando ainda mais o aspecto autônomo da linguagem, e na própria movimentação rígida dos atores, que propositalmente não desejava provocar uma relação de correspondência com o mundo cotidiano. A encenação evocou a vanguarda e as conquistas da arte moderna em sua busca de emancipação.

Trata-se de uma teatralidade que tenta reivindicar, hoje, na contemporaneidade, a revolução antimimética do projeto moderno, de conquista de uma forma não contaminada com a vida, de uma teatralidade desviada de seu aspecto comunicacional. A partir da identificação da motivação da encenação, passamos por uma experiência estética particular ao identificarmos no processo da cena o que se chamou de “crise da arte” ; isto é, vislumbramos no teatro de Jurij Alschitz o paradigma moderno de fundar um modo específico da arte que entrou em crise, derrotado pelas hibridações, mestiçagem e contaminações pós-modernas. E, paralelo ao seu teatro, se observam algumas reações de fuga deste universo autônomo quando os atores em cena contestam o mundo hermético criado pela encenação, lançando mão do recurso do pirandellismo e da autorreferencialidade ao “saírem” do personagem “reclamando” do aspecto denso da teatralidade emergente, tão pouco familiar ao Grupo. Com o que, imediatamente, se obtém uma resposta do público que, descarregando a tensão gerada pela incomunicabilidade antimimética da teatralidade do encenador, ri aliviado ao se ver inserido na experiência estética. Logo em seguida o espetáculo retoma seus princípios norteadores, termina o eclipse, a porta com o nome de Tchekhov em vermelho se abre e todos os cinco personagens se retiram do palco. Fim do espetáculo.

Como conclusão sobre o lugar da crítica hoje, entendemos que, a ideia de work-in-progress deve servir também para o crítico/analista do espetáculo contemporâneo, pois projetar qualquer modelo de análise a priori ao experimento vivenciado é uma tentação (de certa maneira facilitadora) que deve ser evitada, sob pena de esvaziar a análise crítica; não devemos nos esquecer de que a própria característica da pós-modernidade é conviver lado a lado com diferentes propostas e ideias, misturando gêneros e multiplicando textualidades, sem que uma anule a outra. Por outro lado, se é correto afirmar que pensadores e críticos vivem o temor de ver as categorias de seu pensamento se tornarem rapidamente obsoletas, ultrapassadas pela velocidade das ideias e inovações no campo teatral, não podemos ser ingênuos e deixar de perceber que o teatro, enquanto produção, responde a leis de mercado, e que estas leis são impostas por aqueles mesmos pensadores e críticos que temem o desmoronamento de suas categorias (além, é claro da pressão exercida pelo público e pelo empresariado). Ou seja, o convívio entre diferentes e novas ideias acaba ganhando uma única forma: a forma de mercado.

---

## ***ECLIPSE / FICHA TÉCNICA***

Da obra de Anton Tchêkhov | Direção, Dramaturgia, Cenografia, Figurino e Treinamento: Jurij Alschitz | Elenco: Chico Pelúcio, Inês Peixoto, Julio Maciel, Lydia Del Picchia e Simone Ordonez | Assistência de Direção e Preparação Vocal: Olga Lapina | Assistência de Direção e Pesquisa de Figurino: Diego Bagagal | Direção Musical e Arranjos: Ernani Maletta | Iluminação: Chico Pelúcio e Bruno Cerezoli | Vídeo Projeção: André Amparo, Chico de Paula e Bruno Cardieri | Sonoplastia: Ricardo Garcia | Caracterização: Mona Magalhães | Coreografia: Jomar Mesquita | Tradução: EloquentWords | Revisão de textos: Eduardo Moreira e Arildo de Barros | Assistência de Cenografia: Amanda Gomes | Cenotécnica: Helvécio Izabel | Construção de Adereços: Tião Vieira e Glauber Apicela | Fotos: Guto Muniz, Miguel Aun e Bianca Aun | Projeto Gráfico: Laura Bastos | Assessoria de Planejamento: Ana Amélia Arantes | Assessoria de Comunicação: Beatriz França | Assistente de comunicação: João Luis Santos | Estagiária de comunicação: Jussara Vieira | Assistência de Produção: Evandro Villela | Produção Executiva: Anna Paula Paiva e Beatriz Radicchi | Coordenação de Produção: Gilma Oliveira | Patrocínio: Petrobras

## Notas

1 *Eclipse*, livre adaptação da obra de Anton Tchêkhov, teve sua estreia nacional em Belo Horizonte, com passagem pelo Festival de Curitiba, seguindo sua temporada no Rio Janeiro. O espetáculo completa o projeto *Viagem a Tchêkhov*, lançado em 2011. Durante um ano o Grupo mergulhou na obra do autor russo com o objetivo de montar dois espetáculos: *Tio Vânia (aos que vierem depois de nós)*, dirigido pela mineira Yara de Novaes, e *Eclipse*, com direção do russo Jurij Alschitz e assistência da lituana Olga Lapina e do mineiro Diego Bagagal.